ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Nº 28

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Casa especial de café do Brazil

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120, (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, do Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

Bicyclettes La Gauloise Paris St. Etienne e Victoria—Bicyclettes inglezas desde 24$000 réis—Accessorios e concertos de toda a especie por preços sem competencia.

Catalogo illustrado 1906-1907 remette-se gratis a quem requisitar.

CASA VICTORIA

Armando Crespo & C.ª

112—RUA DO CRUCIFIXO—114

TODAS as litteraturas latinas tiveram os seus sonetos d'amor célebres. A nossa litteratura, tão fecunda e tão rica, não podia deixar de tel-os tambem. Fomos sempre uns soneteadores incorrigiveis. Essa pequena fórma poetica, curta e grave, convenção elegante do maneirismo italiano da Renascença, mereceu-nos sempre um cuidado verdadeiramente precioso. E não admira essa predilecção. O soneto é a fórma litteraria mais caracterisadamente destinada a servir as deliciosas puerilidades do namoro. O soneto é o verdadeiro *«bilhete d'amor»* das litteraturas. Não podia por conseguinte deixar de ser exuberantemen- e cultivado pelos portuguezes, *«car ils sont toujours amoureux»*,—como affirmava um galante philosopho francez do seculo XVIII.

Tem-se dito muito mal do soneto. Um prosador celebre chamou-lhe «camisa de forças». Outro comparou-o áquelles espartilhos de ferro do museu de Cluny, que fizeram o supplicio e a gentileza das elegantes do tempo de Brantôme. Outro ainda caracterisou-o de «fórma poetica para pobres de espirito». Accusaram o soneto «de ser tão curto, que só lhe caberiam lá dentro idéas curtas». Desacreditaram-no e metteram-no a ridiculo. E apesar d'isso o soneto triumphou,—e vive ha cinco seculos, como uma joia de familia que vae passando de gerações a gerações. Quanto mais o accusam, mais elle floresce. As epopéas morrem; lle eternisa-se. Pequenina moeda d'oiro, todos a querem na sua bolsa. Lê-se depressa: tem por si os que não teem empo para lêr. É uma peça d'ourivesaria: tem por si todos os buriladores da palavra. É o verdadeiro poema do amor: tem por si todos os que amam.

Nascido na sensualissima Italia do seculo XIV, todas as nações latinas o perfilharam e o cultivaram com enthusiasmo. Na Italia, desde Petrarcha e Tasso até Stecchetti e d'Annunzio; na França, desde Ronsard, Malherbe e Voiture até Arvers e Sully Prudhomme; na Hespanha, desde Garcilasso e Gongora até Zorilla e Campoamor; em Portugal desde Sá de Miranda e Camões até Eugenio de Castro e Antonio Nobre,—ha cinco ou seis longos seculos que o soneto italiano vive e floresce em quatro litteraturas, atravessando imperturbavel as epocas, as modas e as escolas, com um prestigio que nenhuma outra fórma poetica alcançou ainda.

E porquê? Porque o soneto é a litteratura do Amor. Porque todo o homem apaixonado fez algum dia na sua vida um soneto. Porque o soneto é qualquer coisa de delicado, de precioso e de leve, que se póde atirar ao regaço d'uma mulher,—como se atira uma flôr ou como se atira uma joia.

Fazer a historia do soneto dentro d'uma litteratura é fazer a historia sentimental d'essa litteratura. Ainda ha pouco a França o tentou, ao celebrar o primeiro centenario de Felix Arvers, resurgindo a obra prima de todos os sonetistas celebres da lingua franceza, desde Du Bellay Ronsard até Musset e Prudhomme, desde a golla encrocada e do gibão de velludo de Malherbe, até á sobrecasaca *en tuyau d'orgue* e á *echarpe* negra de Rostand. Essa resurreição foi das mais interessantes e das mais suggestivas que conhecemos. Sel-o-ha tambem a dos sonetistas portuguezes, que desde o meiado do seculo XVI até hoje vem fazendo do soneto, n'uma terra d'amorosos, a suprema expressão litteraria do Amor?

É o que no presente numero tenta a *Illustração Portugueza*, publicando esta pequena anthologia do *Soneto d'Amor* em Portugal.

SÁ DE MIRANDA

Grave doutor em leis. A corôa de loiros de Petrarcha sobre a sumptuosidade d'uma murça vermelha. Introductor da *escola italiana* contra a velha *escola hespanhola*, depois da sua viagem a Italia (1521-1526). O patriarcha do soneto portuguez. Misanthropo: officiava de pontifical na sua Quinta da Tapada, para onde fôra, fugido da côrte e dos vicios, gosar a commenda das Duas Egrejas. Dramaturgo: escreveu as comedias dos *Extrangeiros* e dos *Vilhalpandos* (escola italiana) que o cardeal D. Henrique lhe pediu para representar no Paço. Fidalgo: *«em campo d'oiro, a aspa vermelha dos Mirandas entre quatro folhas de lis verdes»*.

Quando vos vi, Senhora, vi tam alto
Estar meu bem, e logo em vos vendo
O achei juntamente e fui perdendo
Ficando num momento rico e falto!

E tal foi de vos vêr o sobresalto
Que, os olhos outra vez a vós erguendo,
Foi-se-me a vista e o espirito morrendo
Quando me olhei e vi posto tão alto.

Ficou de sua prisão a alma tão leda,
E os olhos de vos verem tam soberbos,
Que toda outra cousa desprezaram:

Já os não quero para mais que vêr-vos:
Tudo o mais lhe defende o amor e véda;
E vós não os culpeis, pois vos olharam!

SÁ DE MIRANDA.

LUIZ DE CAMÕES

O maior épico e o maior sonetista de todas as Hespanhas. A bravura d'um hespanhol e a arte d'um italiano. Barbiruivo, peito de athleta, coração de pomba. O *«Trinca-Fortes»* da Praça de Samsão. Sangue gallego dos mais nobres e espada de ferro das mais temidas. Sobre uma golla enrocada, uma orbita vasia. Criminoso e poeta, naufrago e heroe. Brazão d'armas: *«em campo verde, uma serpente d'oiro entre penhas de prata»*.

Amor é fogo que arde sem se vêr;
E ferida que dóe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dôr que desatina sem doer;

E um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É julgar qae se ganha em se perder;

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
E ter com quem nos mata lealdade:

Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

LUIZ DE CAMÕES.

FREI ANTONIO DAS CHAGAS

Um poeta galante que se fez prégador. Um grande espadachim d'onde surgiu um grande frade. Um capitão de cavallos que véste o burel de S. Francisco. Porque era

atrevido e dado a amores, chamaram-lhe no seculo o «Capitão Bonina». Bateu-se contra os hespanhoes na fronteira e contra os hollandezes no Brazil,—onde esteve homisiado por morte de homem. Deixou a espada de taça e o feltro negro, para tomar as sandalias e o breviario. Fez versos profanos a freiras e sermões deliciosos á Virgem. Um dos maiores comedores de pão de ló que tiveram os conventos do seculo XVII.

Filis, se foy o amor merecimento,
E o vir a merecer ser venturoso
A mesma adoração me faz ditoso
Por mais que hoje não queira o sentimento;

Que hão de avisar-me as sombras do escarmento,
Se o merito me alenta generoso
E a ambição de perigo tão formoso
Já tem feito vangloria o meu tormento?

Direis, Filis, que he crime o meo cuy
Pois impassivel tanto espero, e sigo,
E offende as divindades o esperado:

Mas como ha de assombrar-me este perigo,
Se acho na culpa acêrto de atinado
E os ditosos me invejam o castigo?

FREI ANTONIO DAS CHAGAS.

FILINTO ELYSIO

O mais respeitado dos poetas portuguezes do seculo XVIII. A toga pretexta de Horacio sobre uma batina negra de clerigo. Trinta annos gastos entre um outeiro de Chellas e uma denuncia á Inquisição. Uma reputação com a força d'um dogma. Bocage chamou-lhe mestre; Garrett saudou-o em França; Lamartine exaltou-o em verso. Um poeta que vale uma Academia inteira. A obra:—no esquecimento. Os ossos:—no *Père-Lachaise*.

Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura;
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljofar, em rubi cravados;

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,
Alvo peito, que cêga de candura;
Mil prendas; e, o que é mais que a formosura,
Uma graça, que rouba mil agrados.

Mil extremos de preço mais subido,
Encerra a linda Marcia, a quem offereço
Um culto que nem d'ella é conhecido:

Tão pouco de mim julgo que a mereço,
Que enojal-a não quero, de atrevido,
Co'as penas que por ella em vão padeço.

FILINTO ELYSIO.

BOCAGE

A alma do soneto portuguez, depois de Camões.—Um mendigo com o orgulho d'um grande de Hespanha. Aretino de sapatos rôtos e capote de baetão azul. Uns cabellos desgrenhados a sahirem d'um bicorne hollandez.—Um rachitico de genio sobre dois grandes pés de pavão. O desespero das freiras nos outeiros de Abbadessado e a alegria do povo nas noites de luminarias. Um nome que faz rir e uma vida que faz chorar. Guarda-marinha e cadete, revisor e traductor, bôbo de fidalgos e parasita dos frades do Oratorio. O Voltaire do *Nicola* e o Piron do *Agulheiro dos Sabios*.

Da minha ingrata Flérida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são;
É de candida prata a lisa mão,
Onde eu n'um beijo passaria a mil:

A trança, côr do sol, rêde subtil
Em que se foi prender meu coração,
É d'ouro, o pae da tumida ambição,
Prole fatal do cálido Brasil;

Seu peito delicado e tentador
É porção de alabastro a que jámais
Penetraram farpões do deus traidor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
Como ha de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras e metaes!

BOCAGE.

Como, importuno Amor, inda procuras
Misturar-te entre as minhas agonias?
Vai, cruel, para onde as alegrias
No seio da Fortuna estão seguras;

Onde em taças douradas, formosuras
Esgotando o prazer, passam seus dias;
Onde acariciado tu serias
Por quem nem sabe o nome ás desventuras.

Ao som de harmoniosos instrumentos,
No peito, que é de perolas ornado,
Criarás mil suaves sentimentos:

Mas em mim, que sou victima do Fado?
Cercada dos mais asperos tormentos
Achas uma alma só, e um só cuidado.

MARQUEZA D'ALORNA.

MARQUEZA D'ALORNA

A madame de Stael portugueza. Foi 4.ª marqueza d'Alorna, 7.ª condessa de Assumar, condessa de Oyenhausen por seu marido. Um grande penteado cheio de polvilhos e um grande talento cheio de raça. A *Alcippe* dos Arcades. Joias na cabelleira e nos versos. Pintora, poetisa, *virtuose*, diplomata, dama de honor de Carlota Joaquina. Teve quatro amores: os quatro filhos. Teve um odio: Pombal. Brazão: «*Em campo vermelho, os seis besantes d'oiro dos Almeidas entre uma dobre cruz d'oiro.*»

GARRETT

Um litterato que vale uma litteratura. Casaca verde-bronze, collete bordado a prata, chinó, espartilho, joias nos dedos, buchos de pernas postiços. Poeta, romancista, dramaturgo, *dandy*, parlamentar, diplomata, ministro dos Negocios Estrangeiros. Todas as horas tomadas: á 1 no alfaiate, ás 2 no ministerio, ás 3 nas Camaras, ás 5 em Cythera, ás 8 no theatro, ás 9 nas Larangeiras, ás 11... com as Musas. A corôa de visconde sobre a cruz branca de bailio de Malta. *Cherchez la femme.*

Vai, flôr gentil, vai prenda suspirada,
Doce mimo d'amor, terno e fagueiro,
Vai, que elle mesmo, grato e prazenteiro,
Elle te ha de levar á minha amada.

Cumpre o que ella te impoz, que é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas pallidas folhas vir crestada;

Diz-lhe que mais que a ti, mais me queimára
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos n'este estado nos deixára:

Oh! se um benigno influxo de piedade
De seus formosos olhos te orvalhára...
Qual de nós ambos reviver não ha-de?

GARRETT.

Esse negro corcel cujas passadas
Escuto em sonhos quando a sombra desce,
E passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel mas placido no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera extranha sem temor.
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

ANTHERO DO QUENTAL.

ANTHERO DO QUENTAL

Um philosopho e um pensador. A Idéa Nova demolindo a velha Arcadia de Castilho. Uma barba loira de propheta sobre uma batina negra de escolar. Kant dando a mão a Ossian. O genio de braço dado com a nevrose. A sua vida: uma peregrinação sombria. Os seus sonetos: diamantes negros. A sua preoccupação: o *au-delà*. Ponto final: uma bala.

JOÃO DE DEUS

O maior lyrico portuguez do seculo XIX. Auctor do *Campo de Flôres*, da *Cartilha Maternal* e d'um methodo... de pontuação de guitarras. Bondade, sentimento, ternura. Um halo d'oiro em volta d'uma cabeça de santo. O homem que ensinou Portugal a lêr. Um nome eternisado por labios côr de rosa de creança. Junot tinha dito, propheticamente, falando do Algarve: «*Cette terre aura un jour son Camoens*». E a prophecia cumpriu-se. Com o lyrismo inimitavel de João de Deus, um pouco da alma de Camões resurgiu.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em ella se annuveando, em a não vendo,
Já se de todo a luz me annuveava:
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minh'alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, ingénua e pura
Como os anjos do céu—se o não sonharam—,
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram...
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram.

João de Deus.

JOAO PENHA

Um dos primeiros mestres do soneto portuguez. Escola parnasiana coimbrã. A lyra de Pangloss sobre uma béca de juiz. Um genio pagão escarranchado sobre um ôdre de Collares Tinto. Sonetos e paios do Alemtejo. Presuntos de Lamego e rimas d'oiro. O Parnaso n'uma salchicharia. Apollo... nas *Hortas*.

Mal póde phantasiar-te a mente accesa
Tão gentil como quando, venturoso,
Te vi a vez primeira, ébrio de goso,
Extatico de pasmo e de surpreza.

Que prodigio de esplendida belleza!
Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!
Que opulento cabello... um mar undoso
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada n'um banco de verdura,
Junto á margem do murmuro Mondego,
De um Corrégio venceras a pintura.

Ah! perdi, desde então, paz e socego:
Estavas tão graciosa em tal postura,
A comer o teu paio de Lamego!

João Penha.

GUERRA JUNQUEIRO

O mais brilhante dos poetas portuguezes contemporaneos. O nariz de Dante, a barba de Tolstoi, a testa de Hugo. Um apostolo e um agitador. Mysticismo e Republica. Um barrete phrygio sobre um genuflexorio. Marat e a Virgem. Viticultura e bric-à-brac. De tudo, para vender:—orações e bahús gothicos, satyras aos Braganças e cascos de vinho, enxofre para as cêpas e theorias sobre a radiação universal. O genio semita na litteratura portugueza.

Não és a flôr olympica e serena
Que eu vejo em sonhos na amplidão distante;
Não tens as fórmas ideaes de Helena,
As fórmas da belleza triumphante;

Não és tambem a mystica açucena,
A alva e pura Beatriz do Dante;
És a artista gentil, a flôr morena
Cheia d'aroma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que harpejo
Eu sinto dentro d'alma quando vejo
Teu corpo aéreo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vividas napeias,
E as fórmas vaporosas das sereias
Rendilhadas n'um bronze florentino.

GUERRA JUNQUEIRO.

CONDE DE MONSARAZ

Um dos primeiros poetas portuguezes do Amor e da galanteria. Bello typo: cabelleira negra annelada, jaleca d'alamares, calça de belbutina, esporas de prata. O espirito delicado d'um *petit-abbé* da Regencia no corpo robusto d'um morgado alemtejano. Um punho de renda envolvendo uma mão de athleta. De dia, a charneca brava do Alemtejo; de noite, as recepções da Embaixada. *Rendas, flôres e plumas.*—Sobre os arminhos de par, uma corôa de conde.

Eis aqui um bouquet e uma violeta escura:
Duqueza, não traduz por forma alguma, creia,
Este mimo gentil, a mais pequena idéa
De conseguir o fim que o meu rival procura.

Feriu-me a austera luz da sua formosura,
A graciosa altivez dos typos da Judéa;
Mas quanto á distincção que de mim fez, tomei-a
Como uma cousa ideal, muito inocente e pura.

E dou-me por bem pago e fico satisfeito
Se vir o meu bouquet nas curvas do seu peito
Sobre os flocos subtis das rendas transparentes;

E a violeta—meu Deus, que phantasia louca!—
Entre os finos carmins da sua fresca bocca,
Sob a casta pressão dos seus pequenos dentes.

CONDE DE MONSARAZ.

GOMES LEAL

O patriarcha do Satanismo. O genio do pamphleto portuguez. Declamador e dandy, poeta e revolucionario. Um *sans-culotte* de flôr ao peito. Um barrete phrygio sobre um charuto de tres vintens. Talento, confusão, revolta, irregularidade. Na phrase de Junqueiro:—«Um diamante no fundo d'um poço.»

A idéa do teu corpo branco e amado,
Belleza esculptural e triumphante,
Persegue-me, mulher, a todo o instante,
—Como o assassino o sangue derramado.

Quando teu corpo pallido e sagrado
Abandonas ao leito, palpitante,
Quem jámais contemplou em noite amante
Tentação mais cruel, tom mais nevado?

No emtanto,—louco, excentrico desejo!
Quizéra ás vezes que a dormir te vejo,
Tranquilla, inerme, branca, unida a mim,

Que o teu sangue corresse de repente,
—Fascinação da côr!—e extranhamente
Te colorisse o pallido marfim.

GOMES LEAL.

ANTONIO NOBRE

A mais completa materialisação da Tristeza ingénita da nossa raça. A imagem romantica da Dôr-de-viver. Hamlet de capa e batina. Bella cabeça byroniana: perfil nobre de medalha. Cantou os males de *Anto*,—a bordo de todos os paquetes. Fez um soneto em cada hotel da Suissa:—Berne, Davos, St. Johann Am-Platz... O *commis-voyageur* da melancolia lusitana. Um dos maiores poetas portuguezes do seculo XIX.

Deus fez a noite com o teu olhar,
Deus fez as ondas com os teus cabellos;
Com a tua coragem fez castellos,
Que pôz, como defeza, á beira-mar.

Com um sorriso teu fez o luar
(Que é sorriso de noite ao viandante)
E eu, que andava pelo mundo, errante,
Já não ando perdido em alto mar!

Do céu de Portugal fez a tua alma!
E ao vêr-te sempre assim, tão pura e calma,
Da minha Noite eu fiz a Claridade!

Ó meu anjo de luz e de esperança,
Será em ti, afinal, que desc.nça
O triste fim da minha Mocidade!

ANTONIO NOBRE.

EUGENIO DE CASTRO

O pontifice da poesia decadente em Portugal. O Boticelli do verso. O Medicis da rima. Palavras escriptas com pedras preciosas. Poemas que são frescos bysantinos em fundo d'oiro. Illuminuras de Missal. Uma vida de voluptuoso gasta entre um livro de Heraldica e a *vitrine* d'um museu. Sumptuoso como Moréas; fidalgo como Montesquieu. «*Sylva exotérica para raros apenas*». Tim[illegible] um Cata-Sol, a oiro.

Tua frieza augmenta o meu desejo:
Fecho os meus olhos para te esquecer,
Mas quanto mais procuro não te vêr,
Quanto mais fecho os olhos mais te vejo.

Humildemente, atraz de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencer,
Emquanto sinto para mim crescer
Dos teus desdens o frigido cortejo.

Sei que jámais hei de possuir-te, sei
Que outro, feliz, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virgem corpo em flôr.

Meu coração no emtanto não se cança:
Amam metade os que amam com esperança,
Amar sem esperança é o verdadeiro amor.

EUGENIO DE CASTRO.

OS CIDADÃOS DE TUY

Quando ha pouco, por um fracasso havido na canalisação do Alviela, Lisboa se encontrou em risco de ficar sem agua, tiveram os gallegos uma fugitiva reminiscencia do seu tempo das vaccas gordas, viram-se outra vez procurados e tornados, por um capricho da sorte, á sua antiga importancia de artigo de primeira necessidade.

Exultaram de uma alegria vingativa os honrados filhos de Tuy, vendendo cada barril a dois tostões e levando ainda por cima a sua cedencia á conta de particular obsequio.

A cidade n'aquelles dois dias tomou um aspecto differente. Foi enorme a concorrencia nos chafarizes e alguns gallegos velhos, para quem o barril era uma recordação saudosa, retomaram-no com verdadeiro prazer, e o estridulo *aú*, que só de per si invoca uma epoca da vida cidadã, deixou o seu exilio de Alfama e do Bairro Alto e veiu, como um anachronismo, entre o girar dos automoveis e o bruxolear da luz electrica, acordar os eccos da cidade moderna.

Este acontecimento, que, se não foi grave pelas consequencias de ocasião, veiu entretanto mostrar o perigo imminente em que a capital está de ficar sem agua com algum outro desastre mais moroso no reparar, pôz maravilhosamente em fóco esse typo já meio delido e apagado da comedia das ruas, da qual, ainda não ha muitos annos, foi uma das principaes e mais curiosas personagens.

Um carregador

Não deixará, por isso, de vir a proposito a analyse historica d'essa figura picaresca e alegre da nossa Lisboa que já não conheci no apogeu da sua celebridade mas que, apesar de tudo, ainda subsiste, muito embora a companhia das aguas, as emprezas de transportes, os correios e os telegraphos, lhe tivessem absorvido, quasi completamente, os melhores e mais lucrativos ramos da sua incontestavel actividade.

*

Para os lares pobres da Galliza, Lisboa é considerada como a Terra da Promissão, a terra de ganhar, o Brazil de todos os gallegos. Vieram e veem para aqui como os nossos camponezes vão para o Pará ou para o Rio de Janeiro, cheios de ancia de trabalhar, de juntar o seu peculio e de voltar por fim remediados á terra natalicia. A differença está unicamente na bagagem que levam, porque os nossos compatriotas minhotos e beirões, alemtejanos e algarvios vão sómente cheios de esperanças, ao passo que os emigrantes de Tuy, de Redondella e de Vigo, mais positivos e mais praticos talvez, levam, além d'isso, uma dose consideravel de philosophia gallaica, d'essa philosophia gallaica que chega a tocar as raias do desaforo intellectual.

D'ahi os resultados da emigração.

Aquelles voltam tão pobres ou mais do que foram, doentes e desilludidos; estes, com a vantagem do clima e da philosophia, chegam a Galliza vendendo saude e com uns vintens para a velhice, escondidos no forro do collete ou no bolsinho da jaqueta.

Para em tudo ser exacta a comparação, sei que, nas terras de Santa Cruz, chamam gallegos aos nossos compatriotas, dando á palavra o sentido lato de carreteiros e moços de fretes, mistéres estes em que mais commumente se empregam os desventurados emigrantes. Aquelle epitheto deve ser para elles a ultima desillusão.

*

Não pude precisar ao certo quando começou a vinda para Lisboa d'esses laboriosos cidadãos, mas julgo fóra de toda a duvida que foi no primeiro quartel do seculo XVIII que mais se accentuou a sua emigração das terras de além-Minho para a nossa capital.

No seculo XVII não acho vestigios d'elles. Frei Nicolau de Oliveira, o auctor das «*Grandezas de Lisboa*», cita sem mencionar a nacionalidade 125 patifes «*que andam na Ribeira a ganhar com seiras*» e 300 mariolas «*que andam ás cargas*».

Seriam alguns d'elles gallegos? Não sei. A venda da agua, explica o mesmo auctor, era feita pelos «*Ribeirinhos*» e por negros e negras, afóra outros homens e mulheres, que a vendiam em quartas de barro.

Frei Nicolau de Oliveira não fala em gallegos. O que se deduz, porém, da sua minuciosa informação é que os cidadãos de Tuy vieram, entre nós, substituir os negros e as negras no trafego das ruas, nos carretos e na venda ambulante da agua, como estes vieram, em seguida aos descobrimentos, substituir os mouros da Lisboa pré-maritima.

Os proloquios populares «*Trabalhar como um mouro*» ou «*como um negro*» e «*carregar como um gallego*» ficaram na linguagem de todos os dias como valiosos documentos comprovativos da existencia successiva d'essas tres raças de trabalhadores infatigaveis.

*

Ha dois seculos ou mais que a capital acolhe e sustenta, com a preguiça dos seus naturaes, essa verdadeira população fluctuante, onda humana que vae e vem constantemente, que se substitue e se renova cada anno, levando

A esquina

Um aguadeiro moderno

sempre na ressaca, á custa de um trabalho incessante e de uma persistencia admiravel, o ouro desejado que os portuguezes lhe não sabem ou não pódem disputar.

Entre os milhares de individuos que actualmente em Lisboa se empregam no arduo mister de moço de fretes, talvez só uma vigesima parte sejam portuguezes. O gallego pouco pode recear portanto de uma concorrencia tão diminuta. Nem sequer lhe faz guerra. Confia absolutamente nos seus meritos para que tão pouca cousa lhe dê cuidado.

Vão longe entretanto os seus tempos aureos do monopolio da venda da agua, em que só em Lisboa havia 40:000 dos 80:000 gallegos que infestavam o paiz todo. Quem nos informa tão precisamente é o auctor da *Voyage en Lisbonne en 1796*. Esse livro em que nós, os portuguezes, somos desapiedadamente commentados e muita vez com quanta injustiça, tem paginas de rasgado louvor para os filhos da Galliza. O anonymo escrevinhador d'essas impressões de viagem diz, referindo-se a elles: *«On préfére generalement leurs services à ceux des Portugais; ils sont moins simples, moins flagorneurs; ils sont plus fiers, plus brusques, mais ils sont plus propres, mieux habillés, moins demandeurs, plus lestes, plus agiles, plus rigoreux, plus intelligents, plus exactes et plus fidéles. Ils ont encore le mérite de la sobrieté. Les Portugais sont sobres par necessité, les galégos par caractère»*.

Os gallegos viam-se, como hoje, ás portas das lojas, ás esquinas das ruas, nos caes, em toda a parte emfim onde os seus serviços fôssem necessitados. O desembarque dos passageiros nos caes era cousa digna de vêr-se. O descuidóso viajante era assaltado, ao pôr o pé em terra, por uma turba desesperada de gallegos; as suas malas disputadas ferozmente e levadas n'uma corrida vertiginosa para as hospedarias da escolha d'elles. O aturdido passageiro nada mais tinha a fazer senão seguir os endemoninhados, por travessas, ruas e becos, ora subindo, ora descendo, até onde elles queriam.

Um aguadeiro antigo da Lisboa de 1840

Foi o que parece que aconteceu ao auctor da *«Voyage en Lisbonne»*. Hoje em dia, depois de semelhante assalto, havia duas resoluções a tomar, consoante o genio de cada um: ou fazer uma queixa á policia ou desancar o conductor das malas. Elle não fez nada d'isso, achou-lhe graça e elogiou-o n'uma pagina compacta do seu canhenho de impressões de viagem.

Outros auctores, ao contrario d'este, teem feito aos filhos da Galliza uma guerra desesperada. Nicolau Tolentino, por exemplo, não os poupou nunca. Os epithetos de boçal, alvar e lôrpa apparecem a cada passo nos seus impagaveis versos, porque o poeta nunca lhes perdoou o terem-lhe servido de vehiculo para o transportar, berrando como um possesso, da casa paterna para a escola. É elle proprio que o recorda:

Colchete no cabeção,
Sai novo Adonio bello
Figa nos cós do calção
Carrapito no cabello,
E biscoitinho na mão:

Sobre sizudo *«gallego»*
Que vasa barril fiado
Já aos trambulhões me entrego,
E em triste pranto lavado
Á porta do mestre chego. (1)

No chafariz de Dentro

O general Antonio Bacon, que, em 1845, apresentou um projecto de canalisação das aguas da capital, manifesta-se tambem inimigo encarniçado dos gallegos e desafoga no seu relatorio a bilis excitada pela concorrencia dos cidadãos de Tuy. Exproba-lhes as suas más qualidades, desmente a sua legendaria fidelidade e accusa-os de tolher o trabalho nacional, vindo sómente a Portugal arranjar o pé de meia com que depois voltam para a terra.

(1) Obras de Nicolau Tolentino, edição de 1861, pag. 171.

Bacon, na sua furia de zurzir os aguadeiros, até se esquece de que tambem era estrangeiro e que viera para aqui naturalmente com as mesmas intenções, o que aliás ninguem lhe leva a mal. O projecto ficou, porém, em aguas de bacalhau, porque a camara municipal, sendo consultada, respondeu desfavoravelmente ao general.

Já em 1823 Francisco Sodré apresentára outro projecto de distribuição de agua aos habitantes da cidade, mas tão impossivel de realisar-se que nem sequer se assustaram os fleugmaticos aguadeiros. Propunha elle a collocação em cada chafariz de 8 carros de bois com 30 pipas (2) cada um, para a distribuição da agua, e mais dois carros para a extincção dos incendios. Isto multiplicado pelos vinte e quatro chafarizes, que então havia em Lisboa, dava a espantosa totalidade de 240 carros e 480 ruminantes, afóra os homens que os deviam guardar e guarnecer. Era um verdadeiro exercito acampado na cidade!

Os 3:454 aguadeiros da capital muito se deviam ter rido do imaginoso e singular projecto!

Em 1847, um tal Francisco Martins trouxe uma proposta, para o mesmo fim, á discussão da camara, e ainda n'esse anno Duarte Cardoso de Sá apresentou outra, em tudo identica á de Bacon. Ambas tiveram o mesmo resultado que a do general. A ultima instancia era o cesto dos papeis.

Só d'ahi a oito annos é que o panico começou a entrar nas fileiras dos heroes da bomba e do barril. A sua hora terrivel ainda não tinha soado!

O galleguito «Deita gatos»

O coronel Francisco Coelho de Figueiredo nas notas aos dramas e ás comedias de seu irmão Manuel de Figueiredo (vol. XIV), preciosissimas como auxiliar de estudos das usanças nacionaes no fim do seculo XVIII, dá-nos alguns interessantes apontamentos com referencia aos cidadãos de Tuy.

A colonia gallaica era, no seu tempo, a mais unida de quantas populações estrangeiras se acoitavam em Lisboa. Esse fortissimo liame que os ligava era um amor-patrio levado ao excesso, exageradamente comprehendido e praticado. O cidadão de Tuy que se presava de o ser, para que fosse bem acceito no seu gremio, para ter todos a seu lado, devia commungar nas mesmas idéas de união entre si e de intransigencia para com os portuguezes. Não devia comer os seus grabanços e a sua meia desfeita senão nas tabernas dos seus compatriotas, nem devia dormir senão nas casas de malta dos filhos da Galliza, muito embora o travesseiro fosse a classica corda, puxada, pela manhã, ao ruido cavo de uma duzia de cabeças batendo no soalho, em guisa de toque de alvorada.

D'aqui os gallegos levavam apenas o dinheiro, diz o coronel. E era verdade. Nem cinco réis lucravam com esses laboriosos aguadeiros os negociantes alfacinhas. Todas essas machinas de suor, conforme a phrase pittoresca do informador, não deixavam aqui mais do que esse suor que distillavam. Os alfaiates d'esses milhares de patriotas eram gallegos, como elles; gallegos tambem eram os seus sapateiros, os seus hospedeiros e os seus barbeiros; e inclusivamente, quando acertavam de casar cá, a moça havia de ser forçosamente de Tuy ou de S. Thiago de Compostella. Ia até ahi o seu amor patrio, e a muito mais longe mesmo chegava, não consentindo sequer que os portuguezes as cortejassem, talvez no louvavel intuito de não se lhe aguarem os globulos sanguineos, ferozmente vermelhos, da sua raça de privilegiados.

A' conta de um requesto que um ilheu entrou de fazer a uma cachopa gallega, houve uma vez mosquitos por cordas na Ribeira. A colonia gallaica reuniu o seu parlamento em derredor do chafariz mais perto e decidiu, naturalmente a todo o transe, gravemente assentada nos barris pintados de verde, que se obstasse á profanação.

Teve o ilheu a desgraça de passar por ali e então ardeu Troia. Um dos Ramons desprezados pela cachopa investe com elle, soca-o, é socado tambem, engalfinham-se e vão a terra. Os outros acodem; avançam partidarios do ilheu e d'ahi a pouco estava a Ribeira em estado de sitio.

O barulho era ensurdecedor. Aos gritos dos feridos, chegam os quadrilheiros aos cardumes. Já ninguem se entendia.

As quartas de barro que iam nas cangalhas dos burros partiram-se todas. Houve feridos que farte e um foi morto para o hospital.

Anoitecia quando acabou a desordem. O ilheu apanhou uma sova mestra para não se intrometter com as beldades da Galliza e o dia 24 de dezembro de 1740 ficou inscripto como um dos mais gloriosos nos fastos historicos dos cidadãos de Tuy (3).

Quantos factos similhantemente curiosos nos contariam, se falassem, os chafarizes de Lisboa! Cada um d'elles, aos

(2) Memorias sobre chafarizes, por Velloso de Andrade.

(3) Folheto de Lisboa, de 24 de dezembro de 1740. Mss 7—5—10 da B. N. de Lisboa [Collecção Pombalina].

No Entrudo

olhos dos prescrutadores do passado, dos ferros-velhos da Historia, tem paginas soberbas de leitura. Em cada pedra esphacelada, em cada cunhal corroído pelos annos, em cada rua, em cada edificio ha centenas de memorias a desenterrar. O velho chafariz d'El-Rei, se falasse, dava uma epopeia.

As assembléas de gallegos em que se discutem os casos diarios vêem-se ainda ahi a cada passo. Ainda hoje vale uma paragem do transeunte a leitura do *Seculo* entre um circulo de ouvintes attenciosos. São impagaveis os seus commentarios! Extraordinarios os seus conceitos!

Eu conheci um gallego, grande amigo de politica e extremado commentador de factos, que tinha uma phrase, muito sua e muito original, com que explicava todos os acontecimentos mundiaes.

Commettia-se um crime, havia um incendio ou uma revolta, cahia o ministerio ou desabava um predio, chovia muito ou pouco, fazia calor ou frio, o sr. Julião, que tal era a sua graça, fazia uma visagem de alta comprehensão e exclamava satisfeitissimo: «*Pois que admira ixo; a popularidade é maior que a populaçon*»!

Escusado era esperar outra resposta. N'aquellas doze palavras resumia-se um mundo de philosophia incomprehendida. O sr. Julião morreu já. Ignoro se o excesso da popularidade sobre a população influiria no desenlace fatal d'aquella existencia, mas é de crêr que sim.

A pau e corda

Os gallegos, durante as luctas entre liberaes e absolutistas, tambem se metteram na politica e fizeram excellente figura, na parte pacifica dos enthusiastas do sr. D. Miguel. Um dos seus actos politicos de maior esplendor foi a festa em acção de graças pelas melhoras do infante, realisada na ermida dos Terremotos no dia 26 de abril de 1829.

D. Miguel era para os aguadeiros um idolo. Quando correu a nova da doença que o atacára, uma consternação sem limites invadiu os chafarizes, a ponto das lagrimas chegarem a encontrar-se com o suor pelas faces mortificadas dos Bentos, dos Thiagos e dos Alonsos. Por isso, ao saber-se das suas melhoras, a satisfação e o contentamento foram indescriptiveis. Nos centros gallaicos ia uma alegria doida.

Os capatazes de todos os aguadeiros da capital reuniram-se no chafariz de El-Rei e decidiram, depois de larga discussão, que, mostrando o seu affecto a D. Miguel, se realisasse uma festividade em acção de graças. No dia 26 de abril, faltou a agua em muitas casas, deixaram de se fazer muitos fretes e de se levar a seu destino immensas missivas amorosas, porque toda a colonia gallaica acampava em frente da pequena ermida.

A festa foi de estrondo. Houve sermão, missa cantada, *Te-Deum*, vivas sem conto e centenas de foguetes. Os «*sórdidos gallegos*» como lhes chama Camões (Est.ª X canto IV dos Luziadas), os economicos filhos de Tuy, como os nomeiam outros auctores, gastaram n'esse dia, do seu bolsinho, em prol das suas convicções politicas, a bonita quantia de 218$880 réis.

E' caso para dizer como elles: Baia!

Apezar das hediondas excepções de Diogo Alves e de outros similhantes, a honestidade e a probidade dos filhos da Galliza é proverbial; a sua fidelidade, legendaria. Serviço que se lhes incumba, por mais delicado que seja, é sempre bem desempenhado porque o gallego, melhor do que ninguem, sabe que o segredo é a alma do negocio.

O filho de Tuy só transpira o suor do corpo; o segredo fica afundado n'aquelle mysterioso mar de interrogações que é a alma d'elle. Cada gallego que morre é um milhar de segredos jámais desvendados.

Os credores de Fulano, os negocios de Cicrano, os amores de Beltrano, tudo isso elle sabe e tudo isso elle esquece.

Nós, portuguezes, que os depreciamos, que fizemos do seu nome um insulto, é a elles sempre que recorremos nos casos complicados e difficeis. São elles que no alado mister de pombos-correios, nos levam, a destinos nunca violados, as cartas perfumadas que amorosamente incensamos com todo o nosso sentimento e todo o nosso estylo; são elles muitas vezes os desfeiteados em nosso logar; são elles emfim que, a troco de uns miseros cobres, nos livram do incommodo de desancar um cidadão (onde as nossas mãos teriam uma applicação menos digna) sovando-o conscienciosamente.

E ainda lhes chamamos estupidos e boçaes. Forte ingratidão!

Alexandre Herculano não acreditava que o gallego nascesse, julgava-o simplesmente *«vindo da terra»*. Julio Cesar Machado, o chalaceador impagavel, chamava-o um *«animal onde a harmonia da bestialidade é perturbada por uma forte dose de velhacaria»*. Gervasio Lobato apodava-o de estupido nos centos de anecdotas que fabricou e que vulgarisou, algumas d'ellas engraçadissimas. Outros auctores e criticos seguiram quasi sempre a mesma esteira d'estes. Para elles o gallego não passa do animal que canta debaixo de agua, animal a quem foi concedida a mercê de andar só em dois pés para serviço do homem.

Quanto a mim, o cidadão do Tuy não é intelligente nem é estupido. Ha n'elle uma faculdade de percepção ignorada dos psychologos e ainda por classificar, que será talvez formada por uma mistura de perspicacia e de velhacaria. Quanto a mim, não póde ser estupido o gallego que outro dia me fez uma mudança e que, depois de ter recebido uma paga superior á estipulada, ficou tão contente que foi beber meio litro á minha saude, tendo-me pedido previamente o meio tostão para elle. Este homem, a quem eu paguei, além do frete, a satisfação que sentiu pela minha generosidade, não é um homem boçal, de maneira nenhuma; é, pelo contrario, um ser superiormente organisado e dotado de um extraordinario talento para extorquir dinheiro honradamente aos cidadãos mal avisados.

A' espera de freguezes

Garrett descreveu-o maravilhosamente n'uma serie de quadras das *Fabulas e Contos*.

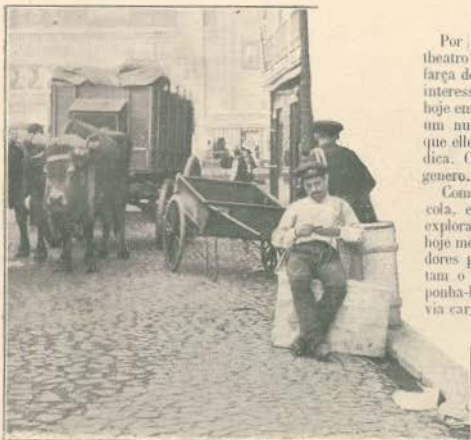
Era uma vez um gallego
Boçal, felpudo e lanzudo,
Um gallego em corpo e alma,
Em chancas, juizo e tudo.

Nunca lá das galileias
Sahiu cabeça tão romba
A alistar-se nas campanhas
Dos bravos heroes da bomba.

Melena loira e comprida,
Azeitada e corredia,
Olho azul pasmado e parvo
Bôcca aberta e barba esguia.

Calção de abanante orelha,
Por onde fura o quadril
Nos pés a flagrante chanca,
A's costas sacco e barril.

Embora a nota da estupidez seja ainda a preferida por este auctor, o retrato está tão perfeito, quanto á exteriorisação do typo, que vale como um verdadeiro documento historico. O gallego da descripção metrica de Garrett é o verdadeiro, o genuino, o classico gallego aguadeiro, que a Companhia das Aguas poz nas vascas da morte. Em vão o procurareis, paciente leitor, n'este anno da graça de 1906. O que ahi vêdes é um degenerado representante dos caracteristicos aguadeiros de 1840.

O typo classico diluiu-se n'um excesso de civilisação. Tudo o que n'elle havia de intransigente e de imprevisto foi pouco a pouco apagando-se, tão lentamente que mal se lhe podem precisar as phases da transição. Foi a necessidade que o obrigou a transigir, abandonando o monopolio da venda da agua e lançando mão de variados misteres em que o contacto com os indigenas o havia fatalmente de inquinar dos usos nacionaes. Foi assim que passo a passo elle foi abdicando da realeza do barril, agora vestindo uma rabona, logo substituindo o *«bonet»* de pala pelo chapeu molle e até pelo chapeu de côco, depois calçando botas, até chegar ao estado em que hoje o vemos, descaracterisado completamente. Por isso quando um facto anormal determina em pleno seculo XX o apparecimento do aguadeiro, esse apparecimento dá-se ares de uma verdadeira reconstituição do passado d'essa velha Lisboa do capote e lenço, do bolieiro, do fadista e do marialva, que o carro do progresso destruiu na sua passagem demolidora.

⁂

Por estas razões tem sido o gallego exploradissimo pelo theatro e pela anecdota. Já em 1761, corria impressa uma farça de cordel, intitulada *«O gallego lórpa»*, que era da interessante collecção de Fernando Palha e naturalmente hoje em poder dos seus herdeiros. De então para cá, seria um nunca acabar o citarem-se as farças e comedias em que elle tem entrado como personagem principal ou episodica. O gallego dos *Trinta Botões* é uma celebridade no genero.

Como o cura de aldeia, o commendador e o mestre escola, elle fez parte da phalange resumidissima dos typos explorados pelo theatro portuguez durante muito tempo; e hoje mesmo quem quizer fazer rebentar de riso os espectadores pouco exigentes e antiquados, que ainda frequentam o theatro para rir ou para chorar e não para pensar, ponha-lhe em scena o cidadão de Tuy, com a sua algaravia caracteristica, e tem conseguido o fim desejado. A primeira phrase lórpa a platéa começa a sorrir-se, á segunda já a gargalhada irrompe de differentes pontos da sala. A terceira chalaça já se não ouve, porque um riso vibrante e convulsivo eccôa por todo o theatro e abafa-a completamente.

As contas do dia

A anecdota tomou-o tambem á sua conta. Esse desenjoativo que, no meio do repasto pesado e monotono da existencia, é sempre bem vindo e escutado com agrado, que dis-

A encher barris

põe bem e que é facilmente digerido, sem obrigar a esforços mentaes de que a gente anda farto, tem posto em foco infinitas vezes a estupidez e a parvoice gallaica. O gallego é o editor responsavel de todas as bestialidades facetas, como Bocage o é de todas as farçolas sujas e obscenas.

Gervasio Lobato, inventando muitas anecdotas de que o fez heroe, foi o continuador do José Daniel do «*Almocreve das Pêtas*», d'esse impagavel José Daniel que fez estoirar de riso os apreciadores da velha graça portugueza. Mas nenhum d'elles foi com certeza o auctor (porque já no seculo XVIII se contava) da anecdota do galleguinho que vinha para Lisboa «*pédibus calcantibus*» e que sendo-lhe offerecida uma garupa por um saloio generoso que o topára na estrada, perguntou-lhe desconfiado: «*Quanto é que bocê me paga?*»

N'esta phrase, o inventor da anecdota, se ella não é verdadeira, mostra um perfeito conhecimento do typo.

N'aquelle — quanto é que é bocê me paga — resume-se uma educação completa, define-se o espirito ganancioso de uma raça.

Atravez da anecdota, está a gente a vêr as recommendações dos parentes, os conselhos dos patricios, já retirados da labuta da vida e alguma sciencia de ouvido adquirida nas narrativas pittorescamente elucidativas dos velhos gallegos da terra.

É com esta instrucção que elles atravessam o rio Minho e veem encostar-se a uma esquina á espera do *patron* do acaso; com estes rudimentos da sciencia de ganhar é que elles conseguem reunir o peculio com que voltam á terra, remediados e ás vezes ricos, a dizer aos seus compatriotas, quando lhes perguntam impressões de Lisboa, aquella philosophica e memoravel ironia: «*A terra é boa; a gente é que é tola. A agua é d'elles e nós bendemoslh'a*».

Digam o que disserem; na minha humilde opinião o unico gallego tolo de que existe memoria foi aquelle Domingos Mendes—o Manteigueiro de alcunha—que, tendo conseguido juntar uma das maiores fortunas do seu tempo, a deixou, em testamento, a Antonio Pereira Coutinho, em troca da mercê do titulo de primo com que este fidalgo familiarmente o tratou durante a sua vida.

Este, sim, senhor, não ha ahi duas opiniões, era tolo, asno e bruto. Tres coisas distinctas e uma só verdadeira.

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

Chafariz d'El-Rei

GALÉS E BERGANTINS DE GALA DOS NOSSOS REIS

O bergantim real que conduz o Rei de Inglaterra, atracando ao Caes das Columnas

Quem, algum dia, quizer fazer a historia da velha sumptuosidade portugueza, tem de consagrar um capitulo dos mais extensos ás galés e bergantins de gala dos nossos reis nos seculos XVII e XVIII.

Irmãs gémeas em riqueza dos côches, berlindas, florões, estufas, estufins e liteiras dos reinados de D. Pedro II, D. João V e D. Maria I,—as galés, galeotas, saveiras, batéis e bergantis reaes eram verdadeiros prodigios de talha doirada, com as camaras ricamente armadas em damasco vermelho, bellos cristaes, sumptuosas tapeçarias, e apainelados pintados pelos melhores artistas do tempo, como Pedro Antonio Quillard, pintor de *fêtes galantes* á moda de Watteau, Pedro Alexandrino de Carvalho, José da Costa Negreiros e Cyrillo Wolkmar Machado. Povo de navegadores e de marinheiros, não admira que tivessemos lançado ás aguas azues do Tejo, para serviço dos nossos Reis, maravilhas semelhantes ás que bamboleavam solemnemente pelas ruas da cidade velha, como nichos d'ouro suspensos sobre quatro rodas immensas, bocejando o velludo vermelho e o brocado flamengo dos seus estofos, oscillando nos correões largos e robustos, e attingindo com as suas cornijas altas as rótulas humildes da antiga casaria. Se os bergantins reaes nos seculos XVII e XVIII não excederam a magnificencia dos nossos côches de gala,—pelo menos egualaram-na. Inteiramente cobertos de talha doirada, com a prôa erguida e esguia como a das velhas embarcações normandas, bojando levemente para a pôpa sumptuosa, davam no seu perfil fidalgo, esbelto e recurvo, a impressão nobre de soberbos gansos d'oiro navegando de collo baixo, em cujo dorso se tivesse erguido o sobrecéu vermelho d'uma camara real.

Sabe-se quando entrou em Lisboa o primeiro côche: trouxe-o Filippe III de Castella. Até ahi tinhamos, apenas para o serviço dos nossos reis, a antiga liteira, riquissima é certo, forrada de bons almadraques, mas incommoda pelo passo desencontrado dos machos das varas, e insupportavel sobretudo nas estradas difficeis e pedregosas. Não nos limitamos, mesmo, a saber quando entrou o primeiro côche em Portugal: conservamos religiosamente esse exemplar soberbo no museu de Belem,—uma estufa de couro pintado e pregado, forrada de brocado d'oiro e armada em ferro batido. Já com os bergantins de gala não succede assim. E impossivel precisar o anno, ou mesmo o reinado em que o primeiro bergantim real foi construido. Parece entretanto que a introducção de semelhante uso entre nós data egualmente, como veremos, da viagem de Filippe III a Portugal.

De que se serviam até ahi os nossos reis para atravessar o Tejo ou para embarcar e desembarcar nas náos e galeões, que não attingiam os velhos caes da cidade? Segundo todas as probabilidades, serviam-se de batéis vulgares, cuja riqueza, ás vezes consideravel, estava apenas nas tapeçarias, nos pannos d'oiro, nos bancaes e forcaretes preciosos que os recobriam,—e cujas pontas crespas de fio d'oiro e prata iam arrastando, solemnemente, á flôr da agua. A riqueza das tapeçarias, os remos dourados e o estandarte vermelho á pôpa, eram o bastante para se reconhecer entre todos o batel d'El-Rei. Quando, em 1373, Henrique de Castella e D. Fernando se encontraram a meio das aguas do Tejo para celebrar a paz entre as duas corôas, o rei de Castella ao vêr approximar-se o batel do rei de Portugal, coberto de brocado d'oiro, movido a remos doirados, todo elle faiscando oiro na poeira luminosa do sol, não poude conter-se que não exclamasse de longe, abrindo os braços:

As saveiras

—*«Formoso rei, formosa barca e formosos arraes!»*

Entretanto, debaixo d'aquella magnificencia de estofos e de remos, o batel era um batel vulgar de madeira tosca e breada, feito pelo mais rude calafate das tercenas. O mesmo succedeu no proprio reinado do sumptuoso D. Manoel. As tapeçarias, os estofos, as armações de pannos de Arráz picados d'oiro, de forcaretes, de brochásas, de bancaes, de espaldeiras, de doceis, de pannos de estrado constituiam a maior riqueza do mobiliario dos paços reaes: não admira que o mesmo se desse com as embarcações de gala, onde o estofo era tudo e o batel pouco importava. A sobriedade do mobiliario, mesmo na casa dos reis, era de tal ordem, que a Rainha D. Catharina, mulher de D. João III, quando o cardeal Alexandrino a foi visitar no paço de Enxobrégas em 1571, recebeu a visita, cerimoniosamente... sentada no chão. Foi tambem sentada no chão que a *bas-bleu* Infanta D. Maria, filha de D. Manoel, deu audiencia, nos seus paços de Santos o Novo, ao embaixador de Castella. Os moveis quasi não existiam. O costume arabe dos estrados tornára quasi dispensaveis as cadeiras. Toda a riqueza, toda a solemnidade, todo o prestigio, repousava apenas nas tapeçarias e nos estofos. Quem pensava em bergantins de gala,—se um velho panno de brocado d'oiro de Flandres atirado sobre as bordas d'uma saveira do rio a transformava em saveira real?

As embarcações que levaram D. Beatriz, duqueza de Saboya, para bordo do galeão que a havia de conduzir á Italia; o batel que mais tarde foi buscar ao Barreiro a princeza D. Joanna, irmã de Filippe II e noiva do filho de D. João III,—eram toscos e vulgares barcos do Tejo recobertos de tapeçarias armoriadas e tecidas d'oiro, de espessos damascos de Leão, de brocados flamengos de tres altos, de doceis, de bancaes, de «pannos d'ilhargas», que afloravam com a sua escarcha d'oiro e prata as aguas azues do rio.

Foi, mais tarde, a visita de Filippe III de Hespanha a Portugal que nos revelou a existencia das verdadeiras galés reaes. Vimos então o primeiro bergantim,—como vimos o primeiro côche. A galeota real surgia, enorme, rica de talha doirada de prôa a pôpa, com a elegancia d'um cysne e a nobreza d'uma obra d'arte. A obra dos entalhadores e dos pintores substituia triumphalmente a arte dos grandes e fidalgos tecelões de Oviedo, de Arrás, de Leão e de Bruges. O filho do *Demonio do Meio-Dia*, querendo fazer um desembarque solemne em Lisboa, mandou vir de Hespanha treze galés riquissimas, incluindo a galé real, que o velho Lavanha, chronista da viagem do rei, com um cortezão e justo enthusiasmo, descreve minuciosamente. Só a galé real era movida por uma *«chusma de quatrocentos e vinte forçados vestidos de damasco carmezim; os remos doirados até ao meio, como era toda de pôpa a prôa, cuja esculptura por fóra era perfeitissima e por dentro lavrada de custosa tauxia de nogueira e ébano e prata, com industriosos lavores, e com os mesmos era ornada a ante-pôpa que por sua capacidade parecia uma praça d'armas»*. Os remos eram sessenta; por conseguinte, cada remo era movido por sete homens. O rei ia debaixo do pavilhão da pôpa, todo de brocado vermelho e oiro, com o principe,—o futuro Filippe IV. Na preciosa gravura que reproduzimos e que representa o desembarque diante do paço da Ribeira,—a galé real é a que já atracou em frente ao caes. Em volta veem surgindo as restantes galés com a côrte,—como peixes enormes eriçados pelas barbatanas fulgentes dos remos d'oiro.

Desembarque de Filippe II de Portugal e III de Hespanha no Tejo

Mas logo que Filippe III retirou para Hespanha, as galés immensas que tinham feito o assombro de Lisboa retiraram com elle. Como reliquia da sua magnifica viagem apenas nos deixou a velha estufa de couro e ferro que ainda hoje admiramos no museu de Belem. Galés, nem uma só ficou nas aguas do Tejo. Não admira, por conseguinte, que a moda se não fixasse desde logo.

Não ha noticia de que D. João IV tivesse mandado construir embarcações de gala. O primeiro bergantim real em que embarcou um rei portuguez parece ter sido construido por artistas nossos no varadouro da Ribeira, e ter servido para ir receber, em agosto de 1666, ao navio chefe da esquadra franceza ancorada no Tejo, a princeza D. Maria Francisca Isabel de Saboya, mulher de D. Affonso VI. *«Era um bergantim entalhado e dourado,* —diz o auctor da «Historia Genealogica», *soberbamente enderecado com cortinas e almofadas de brocado carmezim franjadas de ouro e prata, com trinta remeiros vestidos de damasco carmezim, guarnecido de galões*

d'ouro». Não se comparava sequer a alguma das galés de Filippe III, nem em riqueza, nem em tamanho: moviam-n'o trinta remeiros apenas,—o que é insignificante, se pensarmos nos quatrocentos e vinte que puxavam aos sessenta remos doirados e gigantescos de cada galé hespanhola. Entretanto, já podia chamar-se uma embarcação de gala. Maior e mais rico era o outro bergantim construido vinte annos depois, em 1687, de proposito para ir buscar a bordo da nau ingleza, que chegára ao Tejo, a 2.ª mulher de D. Pedro II, Maria Sophia de Neubourg. Antonio Caetano de Sousa descreve-o:—*«Embarcou el-rei no Paço da Côrte Real em um bergantim muy rico e de custosa fabrica, entalhado, dourado, e a camara toda guarnecida de vidraças crystalinas, com toldo e cortinas de setim de ouro e carmesim, cadeiras, almofadas e alcatifas do mesmo, com sessenta e dois remeiros vestidos ao uso africano, de escarlate e oiro. O Patrão vestia de brocado encarnado, e o Patrão-mór de panno custosamente guarnecido d'ouro, com o Estandarte real: iam as Trombetas na prôa do bergantim com as trombetas de prata.»* Foi esta a primeira embarcação de gala dos nossos reis com a camara envidraçada. D'ahi por diante, até D. Maria I, nunca mais se perdeu esse uso. D. João V serviu-se d'este mesmo bergantim de D. Pedro II, para ir receber, a 27 de outubro de 1708, a bordo da nau ingleza *Real Anna*, a empoada e gentilissima rainha Maria Anna d'Austria.

Mas o grande rei freiratico d'Odivellas não era homem que se servisse do que encontrava: o delirio de D. João V era mandar fazer tudo de novo. Não lhe bastavam os côches pesados d'oiro de que achou repletas as cocheiras do paço: mandou fazer mais. Não julgou sufficientes os dois bergantins de D. Affonso VI e D. Pedro II que erguiam nas tercenas a prôa recurva e doirada: chamou os seus primeiros entalhadores, os seus primeiros pintores, e deu ordem, em 1728, para que se procedesse á construcção d'um bergantim verdadeiramente digno do seu orgulho balofo de *Rei Sol*. Esse bergantim, que serviu nas cerimonias dos casamentos simultaneos do principe D. José com D. Marianna Victoria e da Infanta D. Maria Barbara com o principe das Asturias, depois Fernando VI, é descripto pelo erudito abbade de Castro, segundo os apontamentos de Manoel Franco Sequeira: *«O Regio Bergantim em que vinham as Magestades era o mais formoso e rico que tem sustentado o caudaloso Tejo: era todo doirado e lavrado com bem ornada talha, obra de entrincado artificio e riqueza, que a não ser para encerrar em si tanta magestade se poderia regular por prodigalidade o muito que com sua fa-*

brica e adorno se dispendeu: levava arvorado o Estandarte Real; todo elle mais parecia um custoso e imperial palacio, do que Bergantim. A obra de talha era feita pelos nossos artistas José d'Almeida, Felix Vicente e Sebastião de Faria, famosos entalhadores; e a de pintura de Lourenço da Silva Paz e Pedro Antonio Quillard». Como se vê pela descripção do erudito abbade, o bergantim era em tudo digno dos servir no recebimento da princeza Carlota Joaquina. É elegantissimo, todo doirado, coberto de pôpa á prôa de sumptuosa talha, e rematando, na pôpa apainelada e pintada, por tres lanternões de bronze doirado. Tem vinte e nove metros de comprimento e é movido a 40 remos e 120 remadores, — tres

Os remado.es do bergantim Real—Na camara do bergantim vê-se a Rainha de Ing'aterra

côches e das berlindas de D. João V; é pena que não tivessem ficado d'elle mais do que estas campanudas e preciosas palavras.

No reinado de D. Maria I mandaram-se construir novos bergantins, galeotas e saveiras. São d'esse tempo e do tempo de D. João VI, os exemplares que ainda hoje existem na Azinheira, e costumam figurar nas ceremonias officiaes. Muitos d'elles foram com D. João VI para o Brazil e lá ficaram, como os côches. Outros, e entre elles o lindissimo bergantim de D. Maria I, ainda se conservam entre nós, a attestar o antigo explendor dos velhos tempos. Este ultimo bergantim, — que ainda é hoje o bergantim real — foi mandado construir em 1784, sendo ministro da marinha Martinho de Mello e Castro, para

O bergantim Real vogando para o «Hohenzollern» onde vae buscar o Imperador d'Allemanha

para cada remo. O painel da ré, cortado a meio pelo léme, suppõe-se pintado por Pedro Alexandrino de Carvalho e representa Neptuno e Amphitrite. Este bergantim é o chefe da pequena flotilha de gala, ao qual se seguem, nos cortejos fluviaes, as saveiras, galés e galeotas, uma das quaes está actualmente em reparação no Arsenal.

Em 1834, diz-nos Vilhena Barbosa, ainda existiam no Tejo dois outros bergantins, um chamado o *Monte d'Ouro*, que pertenceu a D. João VI, outro chamado a *Doiradinha*, construido no Porto em 1831 para D. Miguel navegar em viagem costeira no rio.

Onde param hoje estas duas reliquias? Que foi feito d'ellas?

Ninguem o sabe.

«Não tem outro remedio senão vir á Figueira, quem quizer vêr a mais linda praia de banhos de Portugal. A grande bahia comprehendida entre o Cabo Mondego e a embocadura do rio desenha uma curva encantadora, lembrando os mais risonhos e os mais doces golphos do Mediterraneo.

«Em toda a linha da areia que borda a enseada, na extensão de meia legua, não ha um rochedo. O terreno é cortado em *falaise* sobre a praia. O largo abarracamento dos banhistas, em tendas ponteagudas, de lona branca, arma-se junto do forte de Santa Catharina, construido na foz do rio.

«Quem se senta na praia voltado para o mar tem á esquerda a fortaleza ameiada e denegrida, no estylo de todas as que construiu o conde de Lippe ao longo do littoral portuguez; para a direita, a curva da costa com o pharol na ponta, e a pequena povoação de Buarcos á beira de agua; alvejando ao sol pelo angulo da fortaleza, avista-se a agua espelhada do Mondego e a verdura ridente das collinas da margem d'além matizadas pela casaria branca das aldeias longinquas.»

Tal é a opinião da nossa maior auctoridade contemporanea em questões estheticas, o notavel critico d'arte sr. Ramalho Ortigão, publicada n'*As Farpas*, em 1887, reeditando e completando as suas impressões primeiro vindas a lume, ha justamente uns bons trinta annos, em 1876, n'*As Praias de Portugal*.

Ninguem que visite a Figueira deixa de compartilhar o juizo do mestre e de prestar o culto que merece a graciosa filha do Atlantico, a incomparavel e sorridente vigia do Mondego.

A penedia do Cabo Mondego

A optima situação topographica, as bellezas naturaes dos arredores, a facilidade de accesso pela via ferrea, todas as commodidades e confortos da moderna civilisação, os progressos realisados pela cidade nos ultimos tempos, dão á Figueira a primazia entre as praias portuguezas e preparam-lhe um brilhante futuro entre as mais progressivas e importantes cidades do reino.

A concorrencia cada vez maior de banhistas, portuguezes e hespanhoes, mostra quanto a Figueira vae sendo conhecida, e quanto são justamente apreciadas as excepcionaes vantagens de que gosa. O banhista, mesmo o mais exigente, encontra na Figueira tudo quanto possa desejar.

Se é um *mundano* habituado a todos os requintes de sociabilidade dos grandes centros, não lhe faltam as melhores familias portuguezas, com quem pode continuar a complicada existencia da capital. Se é um *sportsman* apaixonado, pode aqui praticar os seus exercicios, porque não lhe faltam excellentes locaes, instituições do genero, e mesmo collegas distinctissimos entre os figueirenses. Se fatigado de luctar, apenas vem aqui procurar no repouso o vigor indispensavel para novos combates, sem viver no isolamento cenobita d'outras praias, obtem farta distracção nas longas horas passadas á beira-mar e nos passeios pelos pittorescos arredores, onde encontra paizagem variadissima e muito caracteristica d'esta região da Beira maritima.

No geral, a vida da maior parte dos banhistas decorre entre a praia e os casinos.

Das sete ás onze são as horas do

O banho—A Pedra da Nau, no Cabo Mondego—Um «flirt» na praia—A praia ás 9 horas da manhã—O banho—Grupos na praia —Outro aspecto do banho—Grupo de banhistas depois de um almoço na praia

(Clichés do dr. Mesquita de Figueiredo)

banho, em que a praia regorgita de gente, predominando as senhoras com suas ligeiras e frescas *toilettes*.

Emquanto aquelles que tomam banho, por necessidade poucos, por *snobismo* muitos, correm pressurosos em procura d'alojamento, junto á linha d'agua e em passeio ao longo da praia grande numero de *mirones*, que não tomam assento sob os toldos, vão lançando olhos curiosos e languidos para alguma *salerosa niña* que passa para o mar pudicamente envolta na sua capa branca, fingindo não querer mostrar as fórmas esculpturaes, que d'ahi a pouco corajosamente confia, sobresaltada e nervosa, á guarda do banheiro.

Sob os toldos que orlam a testeira das barracas em face do mar, formam-se *coteries* com interminaveis discussões, criticas terriveis, apreciações apaixonadas dos acontecimentos da praia.

No grande toldo, onde se alugam cadeiras, e os logares por vezes se disputam ferozmente, lá está a familia numerosa, que tomou sobre si a policia da praia, e que para toda a parte conduz o album de pensamentos e o guia de conversação franceza.

Photographos amadores, impertinentes e ousados, apparecem por todos os lados fazendo verdadeiros cercos ás mais lindas caras que teem a felicidade de ser notadas, e que, mostrando falso enfado, procuram protecção efficaz nas sombrinhas multicores com que se abrigam da ardencia dos raios solares.

A uma velha tia, que vociferava ha dias, horrorisada contra um d'esses photographos amadores, que havia surprehendido sua graciosa sobrinha, mesmo ao sahir do banho, desatando a touca de oleado, ainda com um pé no ar,—um verdadeiro horror! no dizer da boa senhora—e que para elle pedia todo o rigor das justiças humanas e divinas, cumpre-nos pôl-a ao corrente da doutrina juridica sobre o assumpto.

N'uma das nossas estadas na Suissa, assistimos, em Zurich, a um discurso academico do professor dr. G. Cohn, proferido na occasião do jubileu da Universidade d'aquella cidade.

O notavel jurista, resumindo a questão, estabelecia as seguintes conclusões, geralmente acceites por toda a parte:—a protecção legal do direito que todas as pessoas teem indiscutivelmente á sua imagem é restricta ao caso unico de offensa—isto é, só quando pela publicação ou divulgação do instantaneo houver um attentado contra a moralidade do modelo—o que no caso presente de nenhum modo aconteceu.

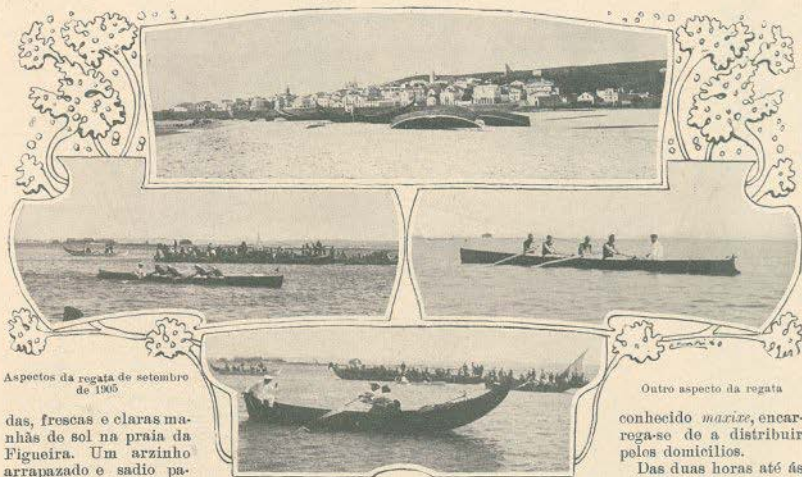
Podem, pois, continuar os photographos amadores, porque dentro d'estes limites nada teem que temer das justiças d'el-rei, muito embora fiquem incursos nas iras das tias.

E' na praia, n'esta scena tão movimentada e tão cheia de luz, em que se é simultaneamente comparsa e espectador, que se começa logo de manhã praticando o divertimento predilecto: o *flirt, verbo innocente que se conjuga entre os dois sexos*, como algures escreveu Garrett. Nenhuma outra vida, como esta, com sua continua convivencia, os seus *rendez-vous* habituaes, e a tão grande concorrencia de senhoras, entre as quaes as figueirenses teem logar honroso, o favorece tão admiravelmente.

Das banhistas da Figueira escreveu Ramalho Ortigão:

«Nunca vi provincianasinhas que me parecessem tão lindas e tão bem vestidas como n'estas vivi-

Cabo Mondego — *Cliché de José Ferraz*

A bahia de Buarcos e a praia de banhos vistas do forte de Santa Catharina

Aspectos da regata de setembro de 1905

Outro aspecto da regata

Corrida de barcos varinos tripulados por mulheres de Galla

das, frescas e claras manhãs de sol na praia da Figueira. Um arzinho arrapazado e sadio parece embandeirar os olhares d'estas raparigas e fazer-lhes cantar barcarolas pela frescura da pelle.»

....

O resto do dia e da noite, afóra algum passeio ao entardecer á beira-mar ou alguma excursão ao Bairro Velho, á avenida marginal do Mondego, junto aos paços do concelho, ao jardim Infante D. Henrique e á matta da Mizericordia, passa-o o banhista nos cafés e nos casinos, inebriado ou aborrecido em musica abundantemente produzida por variadissimos grupos d'artistas nacionaes e estrangeiros.

Desde os optimos sextettos do Casino Mondego e do Peninsular, até á fanfarra Mondego, regida pelo maestrino Ribeiro Couto, em todos os cafés, no Oceano, no Hespanhol, no Europa e no Internacional ha musica, que ás vezes fere bem ferozmente o timpano dos ouvintes, como que adormecidos em frente d'alguma bebida de côr extravagante, que vão servendo, polidamente e economicamente, em pequenos goles aristocraticos.

A completar esta abundancia de musica que o banhista encontra no Bairro Novo por todos os lados ainda um desafinado realejo, puxado por um pacifico e philosophico burro, remoendo algumas modas populares portuguezas e o conhecido *maxixe*, encarrega-se de a distribuir pelos domicilios.

Das duas horas até ás cinco realisam-se os concertos officiaes nos dois casinos Peninsular e Mondego, quasi sempre com farta concorrencia de senhoras, que com as suas *toilettes* de côres claras dão aos salões animação e alegria.

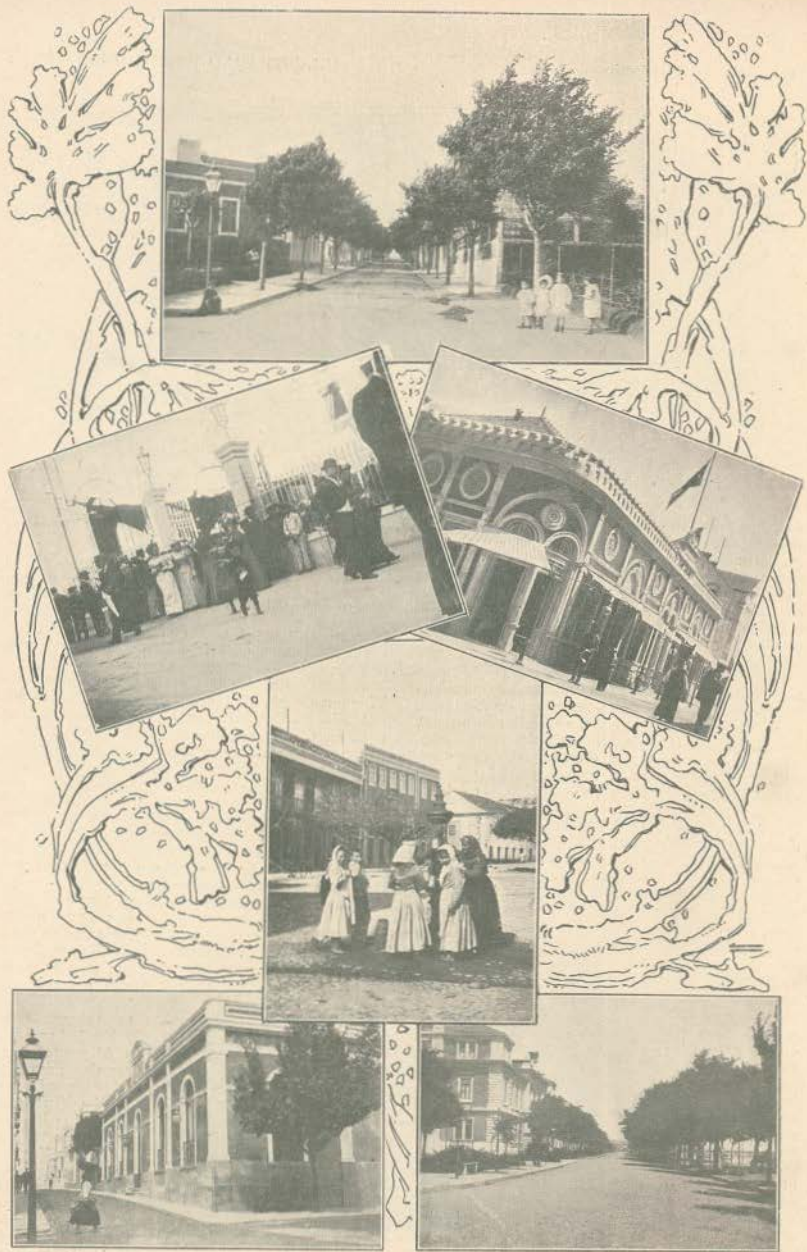
Trechos musicaes dos mais cotados maestros: Wagner, Greeg, Beethoven, Lizt, Mozart, Chopin, Saint-Saens, Puccini, Verdi, Keil e d'outros, teem aqui uma interpretação primorosa e um auditorio por vezes escolhido. Este anno, como já tem succedido n'outros anteriores, n'um dia de cada semana o concerto é exclusivamente constituido por bellos trechos de *musica de camara*, contra a qual ouvimos dizer, com ares sentenciosos a um catedratico da visinha Coimbra:

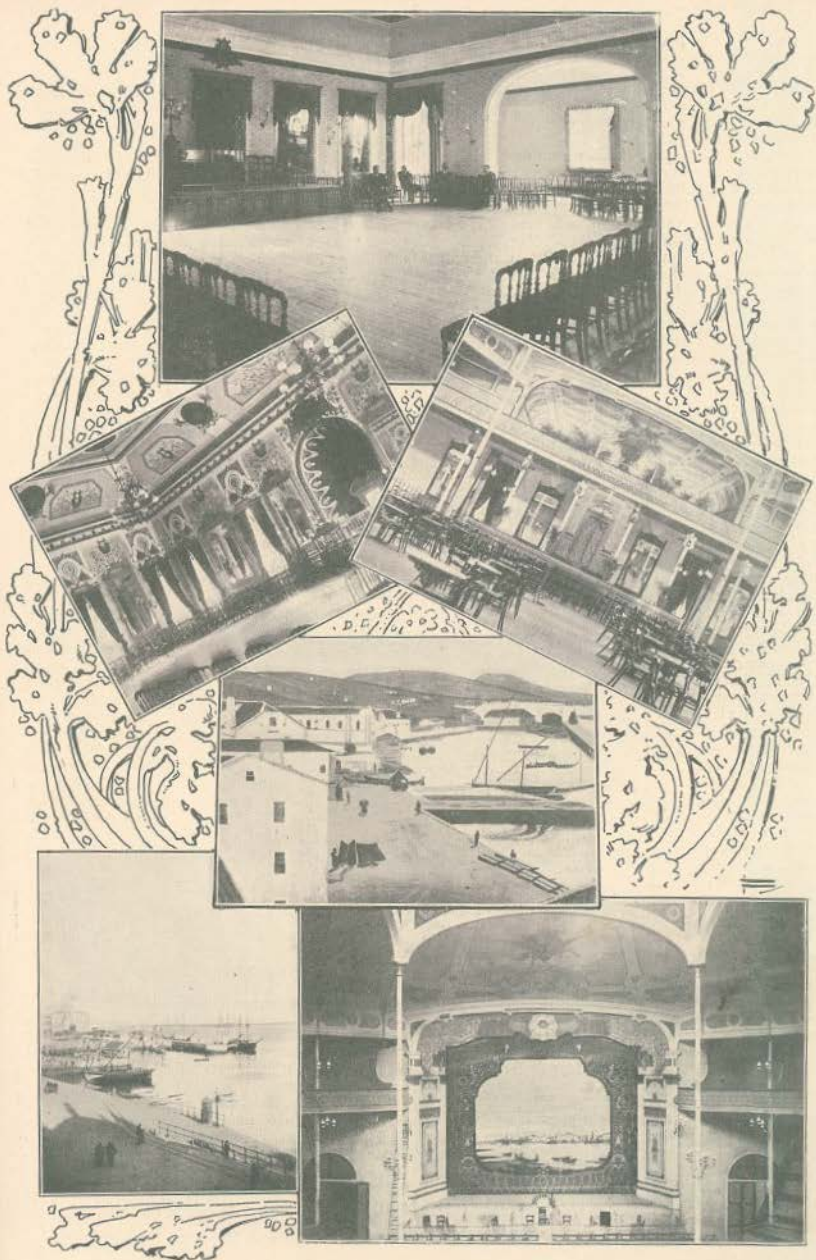
—Este tal *Senhor maestro Camera*, quando escreveu tão desagradavel musica, não teria sido preferivel que escrevesse musica ligeira de operetta?!...

Terminados os concertos começa a dispersão apresentando n'esse momento as ruas do Bairro Novo um aspecto risonho e movimentado, bem differente da completa solidão do inverno.

A' noute nova reunião, novo concerto nos cafés, no jardim d'Inverno do Casino Peninsular e no parque do Casino Mondego, alguns numeros de *Folies bergères*, bailados hespanhoes, e, finalmente, todos se dirigem para os salões de baile, onde pela me-

TRIPULAÇÃO DE SENHORAS NA REGATA DE SETEMBRO DE 1905

Mesdemoiselles Elisa Santos Almeida, Esther Machado, Pedrita Harajó, Aguiar, Adelina e Adriana Cancella, Maria Campos Ribeiro — Timoneiro, Alvaro F. Lima

ASPECTOS DA FIGUEIRA DA FOZ

A rua da Liberdade, no Bairro Novo—Sahida do concerto do Casino Peninsular—Café Oceano—Na fonte—Casino Mondego—Avenida marginal do Mondego

ASPECTOS DA FIGUEIRA DA FOZ

Salão de baile do Casino Mondego—Salão de baile do Casino Peninsular—Jardim de inverno do Casino Peninsular—A Figueira da Foz em 1870—A Figueira da Foz em 1906; vista tirada do mesmo local da anterior —O Theatro-Circo Saraiva de Carvalho, antes da sua transformação em jardim de inverno do Casino Peninsular

noite, depois d'algumas vertiginosas valsas, e graves quadrilhas e lanceiros, ou d'algum ruidoso *cotillon*, termina o *dia balnear*, que para muitos é verdadeiramente extenuante.

Esta é a vida quotidiana, a que uma tourada ou uma regata dão certa variedade, vida como que automatica e submettida invariavelmente a um regimen todo militar, que muitos acham monotona, sem procurar os meios, de resto bem ao seu alcance, para lhe dar maior relevo.

Não faltam á Figueira condições superiores para offerecer aos seus hospedes os mais variados passatempos. Ahi está o placido Mondego a proporcionar-lhes bellos passeios de barco, pescarias e caça de arribação abundantes;—ahi estão os pittorescos arrabaldes de Tavarede com o seu palacio torreado, estylo Renascença, parte de construcção antiga, parte modernamente restaurado, velho solar dos condes do mesmo nome; a destacar com a sua alvura e a da casaria do burgo proximo no fundo verdejante das collinas que a circumdam, Buarcos com a silhuete caprichosa e bizarra dos seus campanarios, cingida de vetustas muralhas, e o visinho sanctuario da Senhora da Encarnação, tudo reflectindo-se nas aguas alterosas do Atlantico; o Cabo Mondego com suas poderosas industrias e a feerica belleza das suas penedias.

UMA REGATA NO MONDEGO
Corrida de guigas tripuladas por senhoras
(Cliché do dr. Mesquita de Figueiredo)

Ao sul do Mondego, na *Hora de Lavos*, fronteira á Figueira, passeio delicioso, que dentro em breve poderá ser feito pelas pontes, quasi concluidas, o espectaculo a admirar é unico e d'uma completa originalidade. As habitações dos pescadores são ahi construidas sobre estacaria nas dunas, fazendo lembrar as antigas populações lacustres da Suissa e d'outros paizes.

Este interessante facto ethnographico foi, se não estamos em erro, notado pela primeira vez pelo professor Zophimo Consiglieri Pedroso, que d'elle deu noticia á *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, em sessão da 2.ª classe de 22 de março de 1895, e e nós mesmos identica communicação fizemos á *Escola d'Anthropologia de Paris*, onde causou notavel sensação.

Passeios mais longos poderão estender-se pela ridente estrada de Coimbra, até Maiorca, Santa Olaya, Montemór-o-Velho, e mesmo até a capital do districto, atravessando uma região cuja paizagem tem um justo renome.

Aquelles que tendo uma orientação toda intellectual procurarem nas horas d'ocio passadas na Figueira com que dar pasto ao espirito, muito teem que observar e que aprender.

Um dos primeiros factos a constatar é a admiravel tendencia associativa de quasi todas as classes da população figueirense, tendencia manifestada nas innumeras associações de previdencia, de classe, de instrucção, cooperativas, etc., que aqui existem em plena prosperidade.

Possue a Figueira uma casa de educação de primeira ordem, o Lyceu Figueirense, superiormente dirigida pelo dr. Mendes Pinheiro, professor da Universidade, construcção moderna com os mais recentes aperfeiçoamentos, o plano e processos educativos da conhecida *Ecole des Roches*, de E. Demolins e de Duhamel.

Ha tambem instituições de beneficencia modelares, como a *A Obra da Figueira*, asylo para a primeira infancia ha pouco inaugurado, devido á rasgada iniciativa do sr. conselheiro José Jardim, ex-governador civil de Leiria; o *Hospital da Santa Casa da Mizericordia*, sabiamente dirigido pelo fino espirito elevadamente altruista do visconde da Marinha Grande; a *Associação de Instrucção Popular*, etc., etc.

Não devemos esquecer o *Museu da Sociedade Archeologica Santos Rocha* installado no edificio dos paços do concelho, cujo director, o distincto advogado e notavel archeologo dr. Antonio dos Santos Rocha, é um verdadeiro sabio, um trabalhador infatigavel.

E a Figueira, se não tem monumentos nem historia, porquanto é uma povoação relativamente moderna,— nos seus costumes, nos seus processos industriaes, na vida dos pescadores visinhos de Buarcos, da Galla e da Cova, muito de original ha que surprehender e que estudar.

Figueira da Foz, 1 de agosto de 1906.

ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO.

AS INSUBORDINAÇÕES DA ARMADA

JULGAMENTO DAS PRAÇAS DO CRUZADOR D. CARLOS

Quarta feira, 22.

S. Julião da Barra visto de longe é como um tumor negro na serenidade dourada da bahia. A' entrada, sob a arcaria, deparando-se com os paredões escoriados accentua-se muito uma impressão de tristeza. Porém, quando dos baluartes rompem entre bayonetas scintillantes ao sol, esse d'esta manhã, os marinheiros do *D. Carlos*, é já uma ancia, um terror que a fortaleza gera. Na sala das audiencias fez-se um silencio pesado; ao fundo os vogaes do conselho de guerra esperam, os braços agaloados, os peitos cheios de commendas, as dragonas em cachos d'oiro nos hombros. Entre estes negreja a becca do auditor como uma loba de inquisidor; os advogados ficam á esquerda, o promotor em frente. Entram os réus e da fila de senhoras que ficam por detraz de nós, vem uma vozinha exclamando:

—Olha aquelle tão novinho!...

Com effeito, entre as fileiras dos réus, uns vinte e quatro, ha uma facesita infantil. E' um grumete de 16 annos. Perto d'elle um marinheiro barbado, mais longe um negro, ao fim o *Hespanhol*, sympathico e vivo, tendo ao lado o fogueiro 2:461, espadaudo e corado. Foi d'elle que uma velhinha nos disse ha bocado: Sempre me deu um trabalho a crear... Para que?! Para o que se está vendo!—Era mãe.

Dr. Oliveira Martins, juiz auditor no processo

Dos outros só teem familia os cabos e o *Hespanhol*: uma irmã, uma senhora educada, distincta, que ha pouco entrou na sala... O que? E' irmã do marinheiro?!—disseram ali perto. Ella, muito grave, fixou o irmão á medida que elle ia respondendo aos officiaes:

—Eu não fiz nada... Foi toda a guarnição...

Todos disseram o mesmo e o auditor, magrito, com a barbicha grisalha e um sotaque provinciano, exclama:

—Ah!... a guarnição... Que systema de defeza... Veremos... Com que então toda a guarnição?

Quinta feira, 23

Veremos se as testemunhas dizem o mesmo; se affirmam que o *Hespanhol*, o 2:461 e um Gomes de Sousa que foi da revolta de 31 de janeiro são innocentes. Decerto o dirão d'aquelle grumetesinho. Depois virão tambem officiaes para a defeza... Elles teem esperança; nós tambem. O que?!... Começa já o machinista que estava a bordo a falar em revolta... Que o *Hespanhol* andava clamoroso entre as praças, que o 2:461 lhe pedira para vir á tolda e depois para accender os projectores, que o Gomes de Sousa os acompanhava!... E veem mais, cada vez mais accusadores... Um contramestre fala tambem; um sargento do mesmo modo. Ah! E que o grumete gritava muito, dava ordens contrarias...

—Pudera, se é uma creança!

Decerto foi uma mãe que o disse; era uma senhora morena e de cabello grisalho que o fitava.

Fala-se n'uma associação secreta. O que será isso?! Certa cruz negra mysteriosa, com as lettras *U. N.*, com um 56 cabalistico, extranho!! Ninguem sabe explical-os... E palpita um romance nas cabeças... E logo o Gomes de Sousa, accusado de a fundar, explica:

—Senhores... Era uma associação de soccorros mu-

Desenho do «Hespanhol» no carcere

Passagem dos marinheiros dirigindo-se da prisão para a sala do tribunal — Os advogados á porta do carcere do fortim — A praça Antonio Amorosa, 1.º artilheiro, a caminho da torre de S. Julião, recebe a intimação para responder por crime de revolta. — Prisão da enfermaria da fortalleza de S. Julião da Barra. No grupo de onze presos acha-se o primeiro grumete Joaquim Paulo Correia, de 16 annos. — Os tres cabeças de motim encarcerados na antiga prisão de Gomes Freire. Ao centro, Eduardo Ventura Alamilo, o «Hespanhol», condemnado á pena de 18 annos de reclusão; á direita o 1.º fogueiro José Martins Ribeiro, condemnado a 20 annos de reclusão; á esquerda José Gomes e Sousa, 1.º fogueiro, condemnado a 15 annos de egual pena. — Os réus, entre a escolta, dirigindo-se á sala do tribunal.

(Clichés de Benoliel)

tuos... A cruz é o emblema de sanidade, o U. N. quer dizer União Naval, 56 um numero de porta...

Lá se foi o romance?!... Mas ha outro... Só hoje mysteriosamente appareceu um rol de testemunhas de defeza sobre a meza do presidente... Quem o poria lá?... Sabe-se que um carcereiro se esquecera d'elle... Ah! sempre virá a defeza... Os advogados Nobre de Mello e José d'Abreu exigem-na!... E que defeza! Até o almirante!...

Decerto os mandam em paz, não é verdade, se o tal senhor disser bem d'elles?! E' a velhinha, a mãe do 2:461, que o pergunta anciosamente.

Outro desenho do «Hespanhol» feito no carcere.

Sexta feira, 24

Certamente que o diz. A prova é que com os seus cordões d'ajudante de campo, os seus galões, as suas commendas, sentado na cadeira, se volta para o escrevente do detalhe accusado de não querer entregar as chaves do paiol e exclama:

—Sim... Recordo-me... Este rapaz serviu bem a bordo...

—E as chaves?!

—Entregou-as ao sr. tenente Alpoim...

Já o marinheiro vae para o seu banco de réu todo commovido e o almirante ergue-se, sae, deixando como um rasto de bondade.

A carrinhola que faz o serviço da praça vem hoje atulhada de officiaes de altas patentes. São capitães de mar e guerra insignes, figuras graves e tostadas de marinheiros que falam secca mas admiravelmente:

—Este marinheiro!... Esteve commigo na viagem da China! E' bom rapaz.

Trata-se d'um pobre Albano gravemente accusado. Aquelle?! Sim, conheço-o... O outro é excellente... Aquelle, o cabo Santos... Mas tem exemplarissimo comportamento!

E até o capitão de mar e guerra Azevedo Gomes exclama:

—Lamento que ali esteja aquelle!—e aponta um marinheiro.

Mas se são todos bons porque os julgam? Prevaricaram, um diz: revoltaram-se e a lei militar é aspera, temivel, como se vae vêr!...

Sabbado, 25

O promotor de justiça, que é um digno official e um acerrimo respeitador da lei, é o primeiro a fazer a defeza dos cabos, e logo ataca os outros a começar no *Hespanhol* e a acabar no grumete. Mas que fez este?

Andava aos berros... Tarefa de grumete!...

Os advogados fazem uma defeza larga, evocam a vida exemplar dos réus, falam dos maus tratos recebidos e que allegaram para a revolta, espremem todas as virtudes, apagam todos os defeitos que o promotor vae pondo a claro com a frieza certeira d'um operador. A gente do *D. Carlos* está como esmagada! O grumete já não vê...

E á noite, a caminho da prisão das baterias, elles dizem nos wagonetes esperarem umas penas leves!

O corredor das prisões subterraneas em S. Julião da Barra

Desenho encontrado n'uma das prisões e feito por um dos marinheiros condemnados

—E o pequeno?!

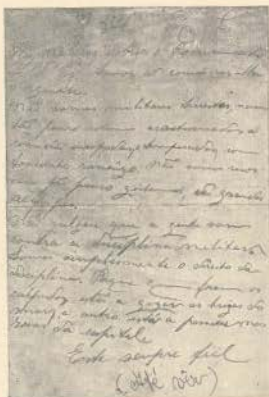
—Vou com elles para a Africa—responde como indifferente.

Rapaz!—grita um cabo—E' a tua primeira viagem...

Sim... A primeira viagem decerto guardado á vista, o grumete saltador, o garoto ancioso de brincar... Que primeira derrota!...

Domingo, 26

Que domingo aquelle! Iam atulhados os comboios, havia gente a rir, que levava farneis, que ia para a beira d'agua ou para os campos... Senhor da Serra e Senhora d'Atalaya! Dia de cirios, festas de marinheiros!... Nós iamos para a fortaleza. Na vespera á tarde já houvera debates, agora replica-se, treplica-se... Palavras,

Outro desenho dos que ornamentavam as paredes da prisão do fortim

Documento encontrado n'um dos carceres, pregado na parede

muitas e bonitas palavras... Um—o promotor—fala pela disciplina, e outros—os advogados—falam pela humanidade... E as lagrimas que correm dos olhos d'aquellas mulheres, ali sentadas, anciosas e turvadas, falam pelo amor...

Os réus erguem-se para dizerem ácerca da sua defeza pela ultima vez; todos se desculpam, o garoto tambem eleva a voz macia. Foi um erro collocarem ali esse pequeno que faz commover as mulheres, que quasi lhe atiram beijos... Agora é a voz forte do *Hespanhol* a erguer-se:

—«Não sou revolucionario... Se o fosse não tinham o trabalho de me julgar.»

E sente-se uma vaga insinuação, parece vêr-se o navio a pôr-se ao largo sem bandeira...

O conselho sobe para deliberar. E' meio dia e é domingo, um lindo domingo de céu azul e sol d'oiro!...

Espera-se durante sete horas. Que horror d'espera! A mãe do fogueiro diz que talvez não condemnem em muitos annos o filho e espreita nos rostos o que vae nos pensamentos; a irmã do *Hespanhol* está á entrada da casa do conselho, faz a sua sentinella dolorosa, a pé firme... Sete horas!

Silvam os comboios ao longe, galgam nas linhas, sente-se no ar uma alegria festiva e a tarde cae. Cantam os gallos ao longe; o conselho está n'um mysterio, lá dentro... Que succederá?...

Vem a noite... Accendem-se as luzes e n'aquella tonalidade dôce da electricidade, no silencio grave, as mulheres espreitam anciosas e a voz do presidente eleva-se:

—Em nome do rei e da lei vae ser lida a sentença!...

Desembainham-se as espadas; a guarda apresenta as armas, tudo scintilla e os réus levan-

Divagações d'um marinheiro prisioneiro

A meza do conselho de guerra. Ao centro o sr. capit o de mar e guerra João Botto, á sua esquerda o juiz auditor, dr. Oliveira Martins — O promotor de justiça, sr. capitão de fragata Augusto Mot a e Sousa — Os advogados dos réus esperando, em companhia do commandante da fortaleza e do carcereiro, a permissão para entrarem no carcere a conferenciar com os prisioneiros—O presidente do conselho de guerra de marinha, sr. capitão de mar e guerra João Botto, saindo da sala da audiencia — Os vogaes do conselho voltando sala da audiencia — A' entrada para o tribunal.
[Clichés de Benoliel]

O advogado sr. dr. Nobre de Mello prestando esclarecimentos aos jornalistas srs. Rocha Martins, Marianno Algéos e Adelino Mendes

tam-se... Ha quatro homens absolvidos... Os cabos e o escrevente.

A velhinha, mãe do fogueiro, está na primeira fila do publico, attenta, d'olhos esgazeados... Saem as condemnações... Aquelles homens agora tremem! A maioria é condemnada entre seis e oito annos de reclusão militar, o grumetesinho em 3 annos e um dia... e um dia!...

E os cabeças de motim?!

O *Hespanhol* em 18 annos, o Gomes de Sousa, que creára a sociedade mysteriosa, em 15 annos, o fogueiro Martins Ribeiro em 20 annos...

20 annos!... oh!

Sôa um berro formidavel e a velha mãe, de punho cerrado, as mãos erguidas, insulta o conselho, as palavras saem-lhe engasgalhadas da bôcca espumante...

—Oh! o meu rico filho... Para que o criei eu!

—Mãe... Oh! mãe!...

E' o réu que está de pé, sereno, a olhal-a!

E ella clama sempre, redobra a lastima:

—Oh! meu rico filho!

Estende-se um braço agaloado, os soldados lançam-se sobre ella e levam-na desmaiada... E as senhoras na sala choram, os officiaes calam-se, os homens da imprensa emmudecem nos seus bancos.

Pela noite, entre a fila de bayonetas vão-se... O mar está picado de luzes, chega ali o ruido d'uma alegria no campo e pela estrada escura parte-se; rodam trens, elles lá ficam e nós trazemos a impressão do pequeno grumete, o unico que chorou...

E ao amanhecer, na fileira, que o levava para o Alto do Duque, o garoto da vespera parecia envelhecido, sob aquelle sol que lá de cima os banhava a todos entre as bayonetas rebrilhantes... Que domingo aquelle... Meu Deus!... Não deves mandar á terra mais domingos assim...

ROCHA MARTINS.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

Uma bocca sã e uma bocca fresca só tem quem usa o

ANTISEPTOL

Elixir dentifrico=acido e neutro

Estomatol

Pó dentifrico=alcalino e acido

Formulas do DR. AMOR DE MELLO

Pharmacia Avellar

225, Rua Augusta, 227

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e penligney d A

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

CONCURSO DEFINITIVO

PARA A ELEIÇÃO DA

Terra de mais lindas mulheres de Portugal

Por proposta do jury convidado a julgar as provas do seu primeiro concurso e constituido pelos illustres artistas e escriptores srs. Teixeira Lopes, esculptor e professor da Escola de Bellas-Artes do Porto; Columbano Bordallo Pinheiro, pintor e professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa; Abel Botelho, romancista; dr. Julio Dantas, poeta e dramaturgo; dr. José de Figueiredo, critico de arte e dr. Cunha e Costa, jornalista.

A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ABRE UM NOVO CONCURSO

Entre os photographos amadores e profissionaes de todo o paiz

ESTABELECENDO

Cinco premios no valor de **200$000 réis**

Condições do concurso

1.ª—Todas as photographias serão acompanhadas da designação da cidade, villa, freguezia ou logar a que se referem.

2.ª—Todas as photographias serão acompanhadas do nome e morada do remettente, com a designação se é photographo amador ou profissional.

3.ª—O praso do concurso será de 5 mezes, findando em 2 de novembro proximo.

4.ª—Todos os retratos classificados ou que obtenham menção especial do jury serão expostos ao publico, durante uma semana, pela *Illustração Portugueza*, que inaugurará com esta exposição o seu salão de festas, convidando um dos nossos mais illustres escriptores para fazer uma conferencia sobre a mulher portugueza e a terra eleita como a de mais lindas mulheres de Portugal.

5.ª—O jury reunirá oito dias depois de terminado o praso do concurso, sendo logo em seguida á sua decisão distribuidos os premios aos concorrentes classificados.

6.ª—O jury será constituido por um pintor, um esculptor, um critico de arte, um poeta, um romancista e um jornalista, convidados entre os mais notaveis artistas e escriptores nacionaes.

7.ª—A *Illustração Portugueza* publicará um numero especial dedicado ao concurso, reservando-se o direito de reproducção de quaesquer retratos, mesmo quando não hajam obtido classificação do jury.

8.ª—Devolver-se-hão as photogaphias a todos os concorrentes que as requisitarem.

PREMIOS

Ao photographo classificado em 1.º logar..........	**100$000** réis
Ao photographo classificado em 2.º logar..........	**50$000** »
Ao photographo classificado em 3.º logar..........	**30$000** »
Ao photographo classificado em 4.º logar..........	**10$000** »
Ao photographo classificado em 5.º logar..........	**10$000** »

Total dos premios—200$000 réis

Entre os photographos não premiados, mas cuja contribuição ao concurso tenha merecido do jury menção especial, a *Illustração Portugueza* sorteará um valioso objecto de arte.

Em seguida á exposição photographica do seu concurso da

Terra de mais lindas mulheres de Portugal,

A *Illustração Portugueza* promoverá, durante o proximo inverno, no seu salão de festas, uma serie de exposições de arte, para o que tem já assegurado o concurso de alguns dos mais illustres artistas portuguezes.

Iniciará a serie d'estas exposições o distinctissimo pintor portuense **Antonio Carneiro Junior**, succedendo-se-lhe as exposições do grande pintor **Columbano Bordallo Pinheiro** e do eminente esculptor **Antonio Teixeira Lopes**.

No mez de fevereiro, a *Illustração Portugueza* inaugurará a primeira das suas **exposições de industrias artisticas**, destinadas sem duvida ao mais extraordinario successo, com uma

Exposição da industria artistica da filigrana de ouro e prata,

para a qual convidou já um nucleo importantissimo de ourives do Porto e de Lisboa, e cuja representação ficará marcando uma nova era de resurgimento para a ourivesaria portugueza em um dos seus ramos artisticos de maiores tradições historicos e de mais pura belleza ornamental.

Chamar as attenções geraes sobre **as industrias artisticas do paiz** e assim concorrer para o seu desenvolvimento, tal é o fim d'estas exposições periodicas, **em cuja longa serie se inscreverão as faianças, as rendas, os tapetes de Arrayolos, a esculptura em madeira, o esmalte, o embutido, os metaes cinzelados, a serralheria**, etc., etc.

A cada uma d'estas exposições corresponderá **um numero especial** da *Illustração Portugueza*, profusamente illustrado, com a desenvolvida historia de cada industria, elaborada por um dos nossos mais competentes criticos de arte, e que ficará como subsidio e documento valiosissimo para a historia do movimento artistico contemporaneo portuguez.

Concurso definitivo para a eleição da terra de mais lindas mulheres de Portugal